ANDRÉ BRETON: A EXPLORAÇÃO DOS CAMINHOS DA AVENTURA MENTAL

Robert Ponge

André Breton nasce em 1896. Aos 13 anos, seu encontro inicial e decisivo com a poesia: esta torna-se “o centro de sua vida” (Marguerite Bonnet). Em 1913, aos 17 anos, redige alguns poemas espelhados em Baudelaire e no primeiro Mallarmé. No ano seguinte, começa um rico relacionamento, que se transformará em amizade, com Valéry (“o grande enigma”) e com Apollinaire (o “piloto do coração”); fascinado, descobre a obra de Jarry (“o mestre de todos nós”) e, sobretudo, do fulgurante asteróide que “revolucionou a poesia”: Rimbaud; é também, e a contragosto, iniciado na deprimente carnificina da Iª Guerra Mundial; atua nos serviços de saúde, o que lhe permite, em 1916, num hospital, tornar-se amigo de Jacques Vaché (o “mestre” do humor, um raro exemplo de “resistência absoluta” à *doxa* e a todo o resto). Em 1917, inicia uma proveitosa correspondência com Reverdy e, novamente num hospital, cria uma profunda amizade com Aragon, o qual lhe revela a existência da obra de Lautréamont (“apocalipse definitiva”).

Todo esse intercâmbio, essas experiências e, principalmente, a mensagem revolucionária de Jarry, Rimbaud e Lautréamont o levam a colocar em dúvida muito do que tinha aprendido sobre a poesia e a vida. A chegada a Paris do n° 3 da revista *Dada* (com o “explosivo” *Manifesto Dadá* 1918) confirma seus questionamentos. Em 1919, sua reflexão e amadurecimento desembocam nas linhas diretrizes gerais de um projeto de existência que desenvolverá sem cessar e cujos princípios nunca abandonará: um “não-conformismo absoluto”, a firme vontade e decisão de “praticar a poesia” — sendo essa entendida como uma forma de sentir, de pensar, de viver e como um modo de conhecimento que implicam uma intensa exploração dos caminhos da aventura mental. Com exceção do período da negação dadaísta (1919-1922), esta exploração confunde-se por inteiro com a aventura surrealista — empreendimento coletivo que encontra sua expressão em obras individuais e num movimento (com reuniões, intercâmbios, decisões, posicionamentos, ações, revistas, documentos coletivos, etc.) para cuja organização e expansão internacional Breton dispense uma grande parte de seus esforços.

Qual foi, resumidamente, a contribuição de Breton ao surrealismo?

Robert Ponge é professor no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Junto com seus demais companheiros, empreende uma série de pesquisas: descoberta do automatismo e de seus poderes, experimentações com o emprego do sono induzido, transcrição de relatos de sonhos, reflexão sobre as antinomias vigentes no senso comum e recusa a dobrar-se diante de sua pretensa inevitabilidade, investigação das relações entre os sonhos noturnos e a atividade diurna do espírito, pesquisas sobre a loucura, sobre os objetos, sobre o acaso, etc., exaltação, defesa e ilustração de certos valores como o amor, a liberdade, o humor, etc.

Simultaneamente a essas pesquisas (descritas e analisadas em vários ensaios, entre os quais destacam-se "Entrée des médiums", "Les Mots sans rides", *Les Vases communicants*, *L'Amour fou*, *Arcane 17*, *Anthologie de l'humour noir*, etc.), Breton escreve textos que podem ser classificados como poesia (no sentido estrito e costumeiro do termo): relativamente pouco numerosas (Breton não sentia nenhuma compulsão de publicar) mas de grande densidade e força, suas brochuras e coletâneas têm por títulos: *Les Champs magnétiques* (1920), *Clair de terre* (1923), *Poisson soluble* (1924), *L'Union libre* (1931), *Le Revolver à cheveux blancs* (1932), *L'Air de l'eau* (1934), *Fata Morgana*, *Les États généraux* (1942), *Ode à Charles Fourier* (1947), *Constellations* (1959), *Le La* (1961), entre outras. Sem esquecer títulos como o célebre *Nadja* (1928) ou *Martinique charmeuse de serpents* (1948), é imperioso ainda assinalar os manifestos (1924, 1928, 1929, 1935, 1941, 1942, 1955) e os textos coletivos que apresentam balanços do movimento surrealista e desenham perspectivas para este. A obra de Breton constitui um dos maiores testemunhos de que no surrealismo e "através dele efetua-se a fusão do real e do imaginário, da poesia e da vida" (M. Bonnet).

Concomitantemente com sua produção poética e teórica e com seu trabalho de organização do movimento surrealista, Breton desenvolve uma intensa atividade política e social em favor da defesa e da emancipação dos oprimidos e explorados. Inicialmente, de braços dados com o Partido Comunista; separado deste e em oposição a este a partir de 1935, quando convence-se da natureza stalinista dos PCs. Porém sem abrir mão de seus ideais libertários nem abandonar o marxismo, que ele se recusa a encarar como um dogma. Na segunda metade dos anos 30, situa-se na linha de frente daqueles que, com rara coragem, ousam denunciar sem piedade tanto a barbárie fascista como o despotismo stalinista e a farsa dos Processos de Moscou; depois da IIª Guerra, condena e combate com o mesmo vigor tanto as violências e os crimes cometidos pelos defensores do "Ocidente" (guerras da Argélia, do Vietnã, etc.) como o socialismo de caserna vigente do outro lado da "cortina de ferro" e o séquito de arbitrariedades e de repressão (até com banhos de sangue: Hungria e Polónia em 1956) que o acompanham. Breton e seus companheiros não poderiam contemporizar com os inimigos da liberdade, pois o desejo e a reivindicação radicais de liberdade em todos os domínios — "liberdade cor de homem" concebida "não como um estado mas como uma força viva que permite uma progressão contínua" —

encontram-se na origem, constituem o próprio pilar fundamental e primordial do surrealismo ("Apenas uma palavra — liberdade — consegue ainda [nos] exaltar", "É preciso desembocar numa nova declaração dos direitos do homem").

Breton nasceu em uma aldeia do oeste da França; aos quatro anos de idade, é levado a Paris, cidade onde passa o resto de sua vida e que ama com intensa paixão. Não deixa por isso de demonstrar interesse por outros lugares e de viajar. Para divulgar seu ideário (1922: Barcelona; 1934: Bruxelas; 1935: Praga e Tenerife; 1936: Londres; etc.), para sua subsistência material (1938: ciclo de palestras no México; aproveita a viagem para encontrar Leon Trotsky, asilado naquele país, e redigir com ele o histórico manifesto *Por uma arte revolucionária independente*), para fugir da repressão do regime pró-nazista de Vichy durante a IIª Guerra (fuga que passa pela Martinica, onde descobre o magnífico poeta negro Aimé Césaire, e por Santo Domingo, onde concede a E. F. Granell a entrevista reproduzida *supra*, até alcançar os EUA onde permanece asilado até o final do conflito mundial). Após 1945, praticamente não viaja: a intensidade e qualidade da aventura mental não se mede nem é proporcional à quilometragem acumulada em trens e aviões.

Breton falece em 1966. Na pedra de seu túmulo, foi gravada uma frase em que se autodefine e que concentra o caminho por ele trilhado: "Busco o ouro do tempo".

Sur la route de San Romano

André Breton

La poésie se fait dans un lit comme l'amour
Ses draps défaits sont l'aurore des choses
La poésie se fait dans les bois

Elle a l'espace qu'il lui faut
Pas celui-ci mais l'autre que conditionnent

L'œil du milan
La rosée sur une prèle
Le souvenir d'une bouteille de Traminer embuée sur
un plateau d'argent
Une haute verge de tourmaline sur la mer
Et la route de l'aventure mentale
Qui monte à pic
Une halte elle s'embroussaille aussitôt

Cela ne se crie pas sur les toits
Il est inconvenant de laisser la porte ouverte
Ou d'appeler des témoins

Les bancs de poissons les haies de mésanges
Les rails à l'entrée d'une grande gare
Les reflets des deux rives
Les sillons dans le pain
Les bulles du ruisseau
Les jours du calendrier
Le millepertuis

L'acte d'amour et l'acte de poésie
Sont incompatibles
Avec la lecture du journal à haute voix

Le sens du rayon de soleil
La lueur bleue qui relie les coups de hache du
bûcheron
Le fil du cerf-volant en forme de cœur ou de nasse
Le battement en mesure de la queue des castors

Este poema foi originalmente publicado em uma pequena plaqueta intitulada *Oubliés*, em 1948. Está atualmente publicado na coletânea de textos de Breton intitulada *Signe ascendant* (Paris, Gallimard, coll. "Poésie", 1968). A *Organon* agradece às Éditions Gallimard pela graciosa autorização de publicar este poema e de traduzi-lo para o português (N.O.).

Na Estrada de San Romano*

André Breton

A poesia se faz numa cama como o amor
Seus lençóis desfeitos são a aurora das coisas
A poesia se faz nos bosques

Ela tem o espaço de que necessita
Não este mas o outro que condicionam

O olho do milhafre
O orvalho sobre uma aspérula
A lembrança de uma garrafa suada de Traminer numa
bandeja de prata
Uma alta vara de turmalina sobre o mar
E a estrada da aventura mental
Que sobe a pique
Uma parada de imediato torna-se um matagal

Não é coisa para espalhar aos quatro ventos
Não convém deixar a porta aberta
Ou chamar testemunhas

Os cardumes de peixes os tapumes de pardais
Os trilhos na entrada de uma grande estação
ferroviária
Os reflexos das duas margens
Os sulcos no pão
As bolhas do regato
Os dias do calendário
A milfurada

O ato de amor e o ato de poesia
São incompatíveis
Com a leitura do jornal em voz alta

O sentido do raio de sol
O clarão azul que liga as machadadas do lenhador
A linha da pandorga com forma de coração ou de
nassa
As batidas compassadas das caudas dos castores

* Traduzido do francês por Robert Ponge; o tradutor agradece as leituras atentas e as sugestões à bacharel Dionéia dos Santos Lages e, sobretudo, ao professor Ignacio Antonio Neis.

La diligence de l'éclair
Le jet de dragées du haut des vieilles marches
L'avalanche

La chambre aux prestiges
Non messieurs ce n'est pas la huitième Chambre
Ni les vapeurs de la chambrée un dimanche soir

Les figures de danse exécutées en transparence au-
dessus des mares
La délimitation contre un mur d'un corps de femme
au lancer de poignards
Les volutes claires de la fumée
Les boucles de tes cheveux
La courbe de l'éponge des Philippines
Les lacés du serpent corail
L'entrée du lierre dans les ruines
Elle a tout le temps devant elle

L'étreinte poétique comme l'étreinte de chair
Tant qu'elle dure
Défend toute échappée sur la misère du monde

© Éditions Gallimard, 1949.

A diligência do relâmpago
A chuva de confeitos lançados do alto dos velhos
degraus
A avalanche

A câmara dos prestígios
Não senhores não é a Oitava Câmara
Nem os eflúvios da camarata um domingo à noite

As figuras de dança executadas em transparência
acima das poças
O delineamento na parede de um corpo de mulher
pelo lançamento de punhais
As volutas claras da fumaça
Os cachos de teu cabelo
A curva da esponja das Filipinas
A enroscadura da cobra-coral
A penetração da hera nas ruínas
Ela tem o tempo todo pela frente

O enlace poético como o enlace carnal
Enquanto dura
Impede qualquer fuga sobre a miséria do mundo